

A mulher segundo Clarice Lispector

LAURA FREIXAS *

Tradução: Ana Mariza Benedetti**

Pode-se afirmar, em linhas gerais, que a literatura escrita por mulheres gira em torno de um tema central: a mulher. Não é de estranhar: a literatura escrita por homens tem dado o protagonismo aos homens – na obra de Shakespeare, por exemplo, encontramos 147 personagens femininas de um total de 1.191, um mísero 12 % – e é lógico que quando elas têm acesso à escrita, o seu primeiro impulso é refletir uma experiência, a sua, tão ausente na literatura (e na cultura em geral). É o caso de Clarice Lispector, com a particularidade de que ela não fica, como outras autoras, no sociológico, mas aponta para o filosófico.

No início de *A Paixão Segundo G. H.*, a protagonista entra no quarto da criada e encontra um desenho grosseiro de três figuras na parede: um homem, uma mulher e um cão. Elas representam as três formas de existência segundo Clarice Lispector.

Para nossa autora, o mundo é feito de matéria sem consciência: é isso o que o cão encarna. Essa forma de existir – ao mesmo tempo infra-humana e sobre-humana, divina – é a base, a substância do mundo: “tudo é feito do mesmo”, cantarola Joana em *Perto do Coração Selvagem*. O homem, ao contrário, tem consciência. Porém essa consciência – que é expressa por meio da palavra – é desgraçada, pois permite ao homem conhecer seus limites, e principalmente, sua mortalidade, diferentemente dos animais: na primeira página de *Perto...*, aparecem umas galinhas que “não sabiam que iam morrer”.

E a mulher? Para Lispector, as mulheres ocupam um lugar intermediário entre o propriamente humano, que é a consciência, encarnada pelo homem, e a natureza não

* Escritora e crítica literária; colunista do jornal *La Vanguardia*. Tem textos publicados em outros periódicos literários importantes como *Quimera*, *Espéculo*, etc. É autora de dois livros sobre Clarice Lispector: *Clarice Lispector* (2000) e *Ladrona de rosas* (2010). E-mail: laurafreixasmadrid@gmail.com

** Departamento de Letras Modernas - Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” - UNESP/São José do Rio Preto - 15054-000 - São José do Rio Preto - SP - Brasil. E-mail: benedeti@ibilce.unesp.br

humana. Dessa forma, soa chocante, mas há que se considerar que, da mesma forma que muitas outras escritoras (e outras artistas), Lispector aceita certas equivalências patriarcais (como “mulher = natureza”), porém atribui a elas um valor diferente e – até certo ponto – positivo. Assim, em *Perto...*, a mulher que ao ficar grávida torna-se “serenamente matéria-prima”, escapa – mesmo que parcial e passageiramente – dessa consciência que atormenta os seres humanos em geral, porém os homens em especial. Também no conto “A Menor Mulher do Mundo”, a pigmeia sem nome, pequena, negra, grávida, que vive em árvores, goza de uma alegria de viver desconhecida – e inclusive irritante – para o explorador branco. E para os ocidentais cultos, homens e mulheres, que a milhares de quilômetros da África lêem uma notícia sobre ela.

Com isso chegamos a um ponto importante; e é que, para Lispector, a diferença entre mulheres e homens, pela qual elas se encontram mais perto da natureza e eles mais atravessados pela consciência, não é intrínseca, mas cultural. É a educação, o dinheiro e o poder, o que torna certas pessoas mais conscientes, mais atormentadas e mais ávidas por dominar, que outras. O fato de que tais características sejam ostentadas em geral pelos homens não significa que sejam em si masculinas, mas que quem detém a educação, o dinheiro, o poder..., estatisticamente, são os homens mais que as mulheres (e os habitantes do Primeiro Mundo mais do que os do Terceiro, e os ricos mais do que os pobres).

Tendo chegado a esse ponto, a pergunta que gostaria de fazer é muito simples: Os que têm menos consciência são, na obra de Clarice Lispector, mais felizes do que os que têm mais? Poderia parecer que sim, quando lemos frases como “Por que é que o cão é tão livre? Porque ele é o mistério vivo que não se indaga” (“As Águas do Mundo”) ou: “Compreende a vida porque não é suficientemente inteligente para não compreendê-la” (*Perto do Coração Selvagem*). Recordemos, no entanto, outras personagens lispectorianas: os animais abandonados ou assassinados (“A Legião Estrangeira”, “O Crime do Professor de Matemática”...), as donas de casa desorientadas e impotentes (“À Procura de Uma Dignidade”, “A Imitação da Rosa”, “Feliz Aniversário”, “O Búfalo”...), a mulher que, por causa de ciúme, sofre uma tentativa de assassinato do marido (*A Maçã no Escuro*), a datilógrafa humilhada pelo namorado (*A Hora da Estrela*)... E por que são miseráveis estas mulheres, cuja proximidade ao estado de natureza poderia fazê-las felizes pela comunhão sensual e emocional com a vida? Por um motivo óbvio: porque por não ter poder, carecem de liberdade e, com frequência, de dignidade. E é por isso que por mais que interessem a Clarice Lispector, em particular, questões filosóficas – o que é a natureza?, o que é a consciência?... –, é o social – a economia, o poder – que inevitavelmente molda a experiência humana.

FREIXAS, L. The Woman According to Clarice Lispector. **Olho d’água**, São José do Rio Preto, v. 7, n. 2, p. 257–258, 2015.